

O complexo comportamento da ordem dos clíticos em complexos verbais

Silvia Rodrigues Vieira¹

¹Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

silviavieira@hotmail.com

Resumo. *O trabalho avalia as dificuldades principais no tratamento do tema da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais. Com base em resultados de estudos variacionistas, propõe alguns procedimentos para atenuar a complexidade envolvida na abordagem da cliticização em tais contextos morfossintáticos¹*

Abstract. *Difficulties involving pronominal cliticization in contexts of verbal groups are evaluated. Based upon variationist results, procedures to attenuate the complexity of pronominal cliticization in verbal groups are presented.*

Palavras-chave: cliticização; complexos verbais; variação

1. Considerações iniciais

O tratamento da posição dos clíticos pronominais em contextos de complexos verbais tem sido alvo de muitos interesses científicos, seja no âmbito morfossintático, seja no âmbito prosódico, dado o caráter interdisciplinar do tema. Abordagens contrastivas constantemente almejam estabelecer o condicionamento para a variação do fenômeno em variedades lingüísticas ou em línguas históricas diferentes.

Diferentemente do contexto que envolve lexias verbais simples (que conta com apenas duas variantes produtivas²: posição pré-verbal – *me dá* – ou pós-verbal – *dá-me*), as possibilidades de colocação dos clíticos em “grupos verbais” (posição pré-complexo verbal – *me pode dar* –, intra-complexo verbal – *pode me dar* – e pós-complexo verbal – *pode dar-me*) contam com uma complexa rede de condicionamentos, que, em nosso ponto-de-vista, ainda não se encontra suficientemente descrita no caso da Língua Portuguesa.

Tendo em vista a complexidade que envolve o tema, o presente artigo objetiva (i) apresentar reflexões acerca das dificuldades no tratamento variacionista do tema, e (ii) com base em resultados de estudos já realizados, apresentar procedimentos metodológicos para a abordagem sociolingüística do fenômeno.

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o apoio da FUJB/UFRJ, por meio do Programa Antônio Luiz Vianna.

² A variante mesoclítica tem sido registrada mais raramente, na modalidade escrita.

2. Dificuldades no tratamento variacionista da posição dos clíticos em complexos verbais

2.1. A variável dependente

Em primeiro lugar, a abordagem sociolinguística do tema precisa lidar com o fato de a variável dependente não ser binária. Assim, ao menos, três posições podem ser estabelecidas:

a) colocação pré-complexo verbal (pré-CV ou cl V1 V2):

Ex. 1. *suponho eu... claro que não me tenho dedicado aos problemas do ensino* (PE, CRPC, inq. 1378)

b) colocação intra-complexo verbal (intra-CV ou V1 cl V2):

Ex. 2. *mamãe não podia me acompanhar... então nem cheguei a ir* (PB, NURC, inq. 261)

c) colocação pós-complexo verbal (pós-CV ou V1 V2 cl):

Ex. 3. *eu agora vou perguntar-te se tu sabes* (PE, CRPC, inq. 479)

A variabilidade de posições reveste-se de maior complexidade se se considera, ainda, a estrutura de alguns complexos. Determinados grupos verbais contam com elementos intervenientes em sua formação (preposições/conectores), como, por exemplo, *ter que/de + infinitivo*, ou têm suas formas verbais intercaladas por um advérbio, por exemplo. Nesses casos, tem-se de postular, ainda, duas posições genericamente chamadas de “intra-complexo verbal”: antes do elemento interveniente (*tem-se de/que fazer*) ou após o elemento interveniente (*tem de/que se fazer*).

2.2. A ligação do clítico (à direita ou à esquerda)

A ligação do clítico com os elementos à sua direita ou à sua esquerda também constitui fonte de dificuldades para a compreensão do fenômeno. Essas dificuldades relacionam-se à interface entre os níveis morfossintático e fonológico, que fica evidente no tratamento de dados da modalidade oral.

De fato, há a possibilidade de não haver correspondência entre a posição dos pronomes e a direção da cliticização fonológica. O pronome pode estar intimamente ligado a V1 ou a V2 em termos sintáticos e em termos fonético-fonológicos. Ademais, as possibilidades de ligação dos clíticos com seus hospedeiros podem acarretar interpretações diferentes dos enunciados. Uma estrutura como *pode se dirigir*, por exemplo, pode significar *poder encaminhar-se para algum lugar (alguém pode se dirigir ou pode dirigir-se a um determinado setor ou local)* ou *é possível / é permitido dirigir / conduzir (pode-se dirigir ou aqui se pode dirigir pela pista da direita)*.

2.3. A diversidade de “complexos verbais”

A princípio, todas as estruturas verbais que permitem a mobilidade dos clíticos pronominais nas posições citadas em 2.1. – dos tempos compostos a perífrases com pouco grau de integração – constituem contextos que devem ser contemplados no estudo sociolinguístico.

Elencam-se, a seguir, as estruturas com variação na posição dos clíticos pronominais verificadas nos materiais estudados:

a) Passiva de ser (V1= verbo ser + V2 = particípio)

Ex.4. *ha: muito boa tarde agradeço este convite que me é feito* (PM, PPOM, inq. PC3INO)

b) Tempos compostos/ construções modais e aspectuais (V1 com algum grau de esvaziamento semântico + V2 – mesmo referente-sujeito)

Ex. 5. *acho que como todo casal mais ou menos novo... sempre quando se vai comprar alguma coisa... a gente tem o problema de dar uma entrada grande... certo* (PB, NURC, inq. 084)

Ex. 6. *temos que nos acalmar para ter o verdadeiro prazer* (PE, CRPC, inq. 455)

c) Complexos com V1 + V2 com certa independência semântica e mesmo referente-sujeito (construções com verbos volitivos/optativos ou declarativos)

Ex. 7. *então o meu cunhado virou pra mim... se você quer se empregar... por que que você não faz um curso?* (PB, NURC, inq. 261)

Ex. 8. *Deus que nos criou sem nós, não nos quer salvar sem nós* (Santo Agostinho)

Além das construções acima, merecem atenção construções com verbos causativos/sensitivos, complexos com V1 e V2 com independência semântica e referentes-sujeitos distintos. A princípio, essas construções, por conterem dois domínios oracionais distintos, admitem apenas duas posições em cada caso, o que faz com que elas sejam tratadas da mesma forma como se tratam as formas verbais simples.

Ex. 9. *e isto hoje fez-me pensar... fez/ fez-me pensar... muito* (PE, CRPC, inq. 455)

Tem-se, no exemplo acima, a possibilidade de alternância entre *fez-me pensar* ou *me fez pensar*, mas não se tem *fez pensar-me*.

As construções com verbos causativos e os pronomes do tipo *se* merecem atenção especial. Enunciados como *se faz sentir ... Faz-se sentir... Faz sentir-se* parecem constituir contextos de variação, embora se notem sutis diferenças no plano da significação.

2.4. Diferenças entre variedades do Português

O tratamento do tema considerando dados do Português reveste-se de maior complexidade quando se trata de variedades lingüísticas diversas. A esse respeito, é emblemática a diferença entre o Português do Brasil e o Português Europeu.

Nos domínios de lexias verbais simples, é sabido que PB e PE contemporâneos apresentam preferências diferenciadas especialmente nos contextos que não contêm os chamados elementos proclisadores, exibindo o primeiro a próclise e o segundo, a ênclise. Embora se façam diversas generalizações acerca do comportamento dos clíticos

pronominais em complexos verbais, não se dispõe de muitos estudos variacionistas contrastivos acerca do tema.

3. Para uma investigação sociolingüística da ordem dos clíticos em complexos verbais

O tratamento de dados à luz de pressupostos teórico-metodológicos sociolingüísticos permitiu estabelecer algumas diretrizes para a atenuação das dificuldades supracitadas. Com base em estudo sociolingüístico e prosódico do tema (VIEIRA, 2002 e 2008), no âmbito das variedades brasileira e européia do Português, estabeleceram-se inicialmente problemas centrais para investigação: (1) o que constitui, efetivamente, a norma objetiva da ordem dos clíticos em complexos verbais na modalidade oral em PB e em PE?; (2) que condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos estão envolvidos nessa variação?; e (3) o chamado parâmetro de cliticização fonológica influencia, em alguma medida, o comportamento dos dados por variedade?

Perseguindo o principal objetivo de apresentar a norma de uso relativa à ordem dos pronomes átonos em complexos verbais, o estudo tomou por referência os parâmetros de cliticização propostos por Klavans (1985). A autora pressupõe a independência entre os componentes sintático e fonológico no tratamento da cliticização, propondo que, em cada língua, se determina, inicialmente (Parâmetro 1), o hospedeiro sintático do clítico, hospedeiro que poderia estar localizado no início ou no fim de sintagma. A seguir (parâmetro 2), especifica-se se o clítico ocorre antes ou depois desse hospedeiro. A ligação fonológica constituiria uma propriedade do próprio clítico, estabelecida no terceiro parâmetro, que determina a direção do clítico (para a direita – proclítico – ou para a esquerda – enclítico).

Com base nesses pressupostos, parece fundamental que se adotem as seguintes medidas – relacionadas às dificuldades apresentadas na seção 2 deste artigo – para o tratamento dos dados: (1) estabelecer as três posições superficiais do clítico em cada variedade e controlar as características do contexto por meio de variáveis independentes; (2) contemplar, inicialmente, todos os possíveis complexos verbais em que se pode verificar variação; (3) em se tratando da modalidade oral, investigar a ligação fonológica no âmbito da Fonética Acústica Experimental, não determinando *a priori* o parâmetro da direção; e (4), em caso de estudo contrastivo, tratar separadamente os dados do PB e do PE, por exemplo.

4. A ordem dos clíticos em complexos verbais no PB oral e escrito: alguns resultados

Vieira (2002; 2008) apresenta resultados de uma análise sociolingüística e prosódica de dados de clíticos em complexos verbais. O tratamento sociolingüístico de dados do PB oral, considerando três faixas etárias (18 a 35, 36 a 55 e 56 anos em diante) e três níveis de escolaridade (analfabetos, nível fundamental e nível superior), apresentou os seguintes resultados quanto à variável dependente:

Ordem dos clíticos	Frequência	Percentual
cl V1 V2	18/253	7%
V1 cl V2	229/253	90%
V1 V2 cl	7/253	3%

Tabela 1. Distribuição dos dados de clíticos em complexos verbais na modalidade oral: VIEIRA, 2002

Em termos de distribuição dos dados pelas variantes da variável dependente, o estudo demonstra que a opção preferencial do PB oral é pela variante “intra-complexo verbal” (90 %).

A análise de diversas variáveis independentes – pela observação de índices percentuais e de pesos relativos, obtidos a partir de rodadas binárias em que se opunha uma das variantes às demais – revelou que a constituição do complexo verbal, o tipo de clítico e a forma do verbo não-flexionado são grupos de fatores relevantes ao fenômeno em questão. Constituem fatores desfavorecedores da tendência à variante intra-complexo verbal: (1) a forma pronominal *o*, *a(s)*, que favorece o parâmetro “depois de V2”, especialmente quando V2 é um infinitivo (*vai encontrá-lo*); e (2) a forma pronominal *se* do tipo indeterminador/ apassivador, que favorece, aliada à presença de elemento proclisador, o parâmetro “antes de V1”.

Enquanto o *se* reflexivo/inerente tende a ficar adjacente a V2 (*deve sentar-se ou deve se sentar*) – verbo que o domina sintaticamente na maioria dos casos –, o *se* indeterminador/apassivador localiza-se na adjacência de V1 (*deve-se estudar ou se deve estudar*).

Quanto ao tipo de estrutura, Vieira (2002) verificou que, nas construções causativas/ sensitivas, o clítico (exceto o *se*) fica na adjacência de V1 (*mandei-o sair ou o mandei sair*). O estudo confirma que “os pronomes clíticos ocorrem obrigatoriamente adjacentes ao verbo causativo ou perceptivo” (MATEUS et alii, 1989:860), o que constitui uma característica do Português.

Ainda como generalização do estudo de Vieira, registre-se, quanto à forma do verbo principal, que o particípio não acolhe pronome átono posposto a ele (**encontrado-o*) e favorece a variante pré-complexo verbal.

Para a observação da ligação fonológica dos clíticos, o estudo desenvolveu, também, uma análise acústica de alguns enunciados. Valendo-se do instrumental técnico CSL, foram realizados os seguintes procedimentos:

(1) Medição dos parâmetros acústicos (duração, intensidade e frequência fundamental): comparação da sílaba constituída pelo pronome átono e das sílabas imediatamente anterior e posterior; e comparação entre pares – pretônica clítica (*me nino*) e pretônica vocabular (*menino*).

(2) Síntese de fala.

O estudo, de modo geral, apresentou os seguintes resultados:

a) O pronome átono do PB apresentou, especialmente quanto à duração, configurações semelhantes às de uma sílaba pretônica vocabular; no PE, o pronome assumiu as características de uma sílaba átona (postônica ou pretônica) vocabular.

b) A ligação fonológica do pronome átono no PB parece direcionar-se para a direita, enquanto o PE assumiria o parâmetro da ligação fonológica para a esquerda.

c) O parâmetro acústico do acento que determina a cliticização do pronome à esquerda parece ser, essencialmente, a duração – abreviada no PE.

Conjugando os resultados sociolinguísticos aos fonéticos, Vieira (2008) propõe a seguinte concretização do PB em relação à proposta de Klavans (1985).

VARIEDADE DO PORTUGUÊS	PRECEDÊNCIA (P2)		LIGAÇÃO FONOLÓGICA (P3)
	Orações do tipo raiz/coordenada	Orações “dependentes”	
Português do Brasil	ENTRE V1 e V2		PROCLÍTICA predominantemente a V2

Quadro 1. Aplicação do parâmetro da precedência (P2) e da ligação fonológica (P3), proposto por KLAVANS (1985), ao comportamento prototípico da ordem dos clíticos em PB, segundo VIEIRA (2008)

No que se refere à modalidade escrita, considerando dados extraídos de 15 crônicas do PB contemporâneo, Vieira (2002) encontrou apenas 21 dados de clíticos em complexos verbais. Embora o número seja muito pequeno, a distribuição dos dados permite verificar que a tendência verificada na oralidade é bastante atenuada na escrita.

Ordem dos clíticos	Frequência	Percentual
cl V1 V2	6/21	29%
V1 cl V2	11/21	52%
V1 V2 cl	4/21	19%

Tabela 2. Distribuição dos dados de clíticos em complexos verbais na modalidade escrita: Vieira, 2002

Confirma-se a preferência pelo padrão V1 cl V2, com um percentual de realização bem menor do que o verificado na modalidade oral: a variante intra-CV concretiza-se em cerca de metade dos casos (52%), seguida da variante pré-CV (29%) e, por fim, da pós-CV (19%).

Quanto à variante intra-CV, observou-se a preferência pela escrita sem hífen. A variante supostamente enclítica a V1, prescrita pela gramática tradicional, ocorre em contextos muito particulares, como o de início de oração e, ao que parece, restrita à estrutura do tipo “verbo *poder* + *se*”, na qual não se costuma omitir o hífen, que sinalizaria essa ligação.

Ex. 9. ***Pode-se viciar o debate dando-lhe outro curso.*** (PB escrito, O Globo, 30/01/2000, “A briga dos remédios revela a força do atraso”)

Os quatro dados de variante pós-complexo verbal contam com o clítico acusativo de 3ª pessoa. Apesar do número muito reduzido de dados, registra-se, também para a escrita, o comportamento particular do pronome *o*, *a* (*s*), no sentido de favorecer a variante pós-CV.

Os cinco casos de variante pré-complexo verbal ocorreram em contextos que contam com a presença de possíveis operadores de próclise – partícula de negação, elementos subordinativos. Cabe observar que, mesmo na presença de operadores, ocorreu a variante intra-complexo verbal, o que demonstra que sua influência não é categórica na escrita jornalística.

Nunes (2007), considerando 100 dados extraídos de textos jornalísticos – anúncios, editoriais e notícias – publicados no Brasil no decorrer de todo o século XX³, também verificou que a cliticização pronominal se apresenta de forma diferenciada em função do contexto morfossintático em que se insere o clítico: em início absoluto de oração ou nos demais contextos. Além disso, os resultados preliminares da investigação sugerem que, no fim do século XX, a modalidade escrita passa a assumir um padrão de comportamento menos distante do que é verificado na modalidade oral. A variante pré-complexo verbal quase deixa de ser empregada e cede espaço à ênclise ao complexo e à variante intra-complexo verbal, tendência apontada como a mais comum no PB contemporâneo.

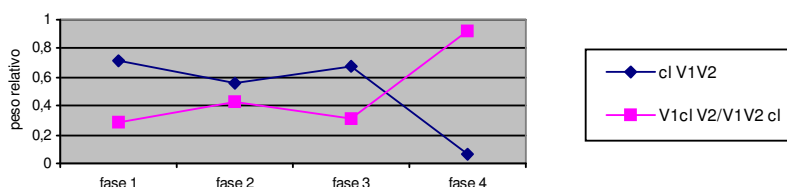


Gráfico 1. A ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais no decorrer do século XX na modalidade escrita: Nunes, 2007.

Pela observação de índices percentuais e de pesos relativos, obtidos a partir de rodadas binárias em que se opunha uma das variantes às demais, o estudo demonstrou que a colocação pronominal em complexos verbais, no decorrer do século XX, parece estar condicionada fundamentalmente às variáveis “forma do verbo principal” e “presença de elemento proclisador”. A ausência de qualquer elemento precedente ao grupo clítico-complexo verbal favorece a aplicação das variantes intra e pós-complexo verbal. Já a variante pré-complexo verbal ocorre preferencialmente com os tradicionais operadores de próclise. Quanto à forma do verbo principal, o uso do infinitivo acarreta a preferência pela variante intra ou pós-complexo verbal. Não foi registrado qualquer caso de ênclise ao particípio. As variantes mantêm-se em equilíbrio com a forma do verbo no gerúndio, apresentando uma leve preferência pela próclise.

³ Textos disponibilizados pelo Projeto VARPORT (www.lettras.ufrj.br/varport), além de textos coletados especialmente para o desenvolvimento do presente trabalho.

5. A complexidade da ordem dos clíticos em complexos verbais: avaliação e planejamento

A avaliação dos procedimentos e dos resultados das investigações brevemente sintetizados acima sugere alguns procedimentos para o tratamento da complexidade do tema:

- a) O estabelecimento das três posições superficiais do clítico em complexos verbais, associado ao controle das características do contexto por meio de variáveis independentes, permitiu a observação do comportamento de cada modalidade em estudo. A depender do número de dados obtidos, é válido observar o comportamento de todas as variantes em valores percentuais e, ainda, com o auxílio do t-varb, em valores relativos.
- b) Para a apreensão dos grupos de fatores estatisticamente relevantes, fez-se necessária a realização de análises binárias (em que se procede à junção de duas das variantes). Esse procedimento mostrou-se muito eficiente para hierarquizar as tendências verificadas nos índices percentuais.
- c) Contemplar, inicialmente, todos os possíveis complexos verbais em que se pode verificar variação permitiu uma descrição geral da modalidade/variedade em questão, para que, posteriormente, se pudesse detalhar a observação.
- d) Em se tratando da modalidade oral, foi muito funcional a investigação da ligação fonológica no âmbito da Fonética Acústica Experimental, não determinando *a priori* o parâmetro da direção.
- e) Em caso de estudo contrastivo, é fundamental tratar separadamente os dados da modalidade oral e da escrita, bem como os do PB e do PE, se for o caso.
- f) Os resultados variacionistas obtidos, que apontaram alguns grupos de fatores como mais relevantes ao condicionamento do fenômeno, apontam a necessidade de aprofundar o conhecimento do tema. Para tanto, parece fundamental que, em próxima empreitada, se realize a análise separada de dados por tipo de complexo verbal, por forma do verbo principal e por tipo de clítico, a fim de confirmar ou não as tendências gerais anteriormente verificadas.

Ao que parece, no terreno da ordem dos clíticos em complexos verbais, a compreensão do tema tem de ser paulatinamente construída, priorizando alguns aspectos que precisam ser mais bem compreendidos. Com o aprofundamento dos estudos, espera-se que a investigação alcance profundidade para investir na resolução de diversos problemas:

(1) Investigação sintática geral da cliticização: em que domínios os clíticos se manifestam em Português? Que correlação se pode estabelecer entre a ordem dos clíticos pronominais e o estatuto dos verbos (auxiliares ou plenos) que integram os diversos tipos de complexos verbais?

(2) Investigação fonológica geral da cliticização: em que domínio prosódico os clíticos se manifestam em Português? Em que medida o padrão rítmico da variedade sob análise implicaria padrões de cliticização diferenciados?

(3) Investigação específica da interface prosódia-sintaxe: haveria uma direção na determinação do fenômeno? Em que estruturas parece haver prevalência de uma área sobre a outra?

(4) Tendo em vista que o comportamento particular de cada pronome átono denunciaria estatutos morfológicos distintos numa suposta escala de gramaticalização – que aproximaria esses pronomes ora da categoria de clíticos ora da categoria de afixos –, onde se localizaria cada forma pronominal num contínuo da categoria + clítico / – afixo à categoria – clítico / + afixo?

Como se pode observar, as reflexões iniciadas neste artigo ensejaram oportunamente diversas questões, que, por si sós, demonstram a complexidade do tema. Espera-se que o presente trabalho colabore para a ampliação das informações referentes ao fenômeno na Língua Portuguesa, considerando especialmente a “complexidade dos complexos verbais”.

6. Referências bibliográficas

KLAVANS, J. L. The independence of Syntax and Phonology in cliticization. *Language* 61(1): 95-120, 1985.

NUNES, C. S. *A ordem dos clíticos em complexos verbais no decorrer dos séculos XIX e XX*. Monografia de fim de curso apresentada em disciplina de pós-graduação do Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.

VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa)

———A variação na ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: condicionamentos morfossintáticos e prosódicos. In: RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (org.) *Português Brasileiro II*. Niterói: Editora da UFF, 2008. pp. 285-300.